

LIDAR COM A PERCEPÇÃO DA MORTE:  
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE IDADES E GÊNERO

*Anabela Pereira<sup>1</sup> / Cláudia Chaves<sup>2</sup> / Emília Coutinho<sup>2</sup> /  
Elisabete de Jesus<sup>2</sup> / Paula Vagos<sup>1</sup> / Lígia Ribeiro<sup>1</sup> / Ana Pinto<sup>1</sup> /  
Ana Correia<sup>1</sup> / Débora Gonçalves<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade de Aveiro; <sup>2</sup>Escola Superior de Saúde de Viseu do IPV

A morte é uma experiência universal, complexa, sendo considerada sob diversas perspectivas, de acordo com a cultura e a sociedade em que se insere. Na sociedade ocidental, por exemplo, a morte é ainda considerada um tabu, difícil de aceitar, ainda que seja reconhecida como o término do ciclo biológico dos seres vivos (Arregui, 1992; Tomer, 2000).

Os hábitos, crenças e atitudes próprios de uma determinada cultura orientam o indivíduo e reflectem as diferenças que se sentem de sociedade para sociedade (Gutierrez & Ciampone, 2007), sendo a forma como os indivíduos lidam com a adversidade da morte o que faz a diferença, tal como foi evidenciado em vários estudos internacionais (Feifel, 1990), bem como no estudo nacional acerca da tragédia da queda da Ponte de Entre-os-Rios, realizado por Ferreira (2007).

Estudos sobre a morte são reduzidos, sendo alguns mais focalizados na perspectiva cultural e social, valorizando os rituais de passagem ou religiosos (Oliveira & Amorim, 2008), e outros cujo enfoque tem recaído sobre os profissionais de saúde que lidam com a doença, especialmente os enfermeiros, médicos e outros técnicos que trabalham em contexto tanatológico (Kovács, 2008). A maioria dos trabalhos realizados sobre a morte e o processo de morrer são aplicados à saúde, bem como à percepção que os técnicos desta área têm sobre esta temática (Lester, 1990). Especificamente na área da Psicologia, os estudos têm sido focalizados sobre o luto, lidar com a morte (Kastenbaum, 1992; Worden, 2002) e respectiva intervenção psicoterapêutica (Carr, 2001; Stroebe, Folkman, Hansson, & Schut, 2006). Actualmente têm merecido destaque os estudos sobre a avaliação da ansiedade da morte na perspectiva da morte e do processo de morrer (Naderi & Esmaili, 2009; Neimeyer, Moser, & Wittkowski, 2003).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objectivo avaliar a preocupação e ansiedade que os indivíduos têm acerca da morte e do processo de morrer.

## MÉTODO

### *Participantes*

A amostra foi constituída por 553 indivíduos, de idades compreendidas entre 18 e 65 anos de ambos os sexos. Responderam a este questionário 59.8% dos inquiridos são do sexo feminino e 40.2% do sexo masculino. A média de idades da amostra é de 32 anos. A amostra não probabilística por conveniência, constituída por estudantes de várias licenciaturas da Universidade de Aveiro e da Escola Superior de Saúde do IPV e outros inquiridos com vários estatutos sócio económicos.

### *Material*

O instrumento utilizado foi a “Escala do medo da morte de Collett-Lester”, traduzido e adaptado para português por Pereira (2008). É uma versão revista da escala original que contém 28 itens, direccionados para avaliar a preocupação e ansiedade sentida em relação aos aspectos da morte e o processo de morrer, fazendo a distinção entre “morte” e “morrer” e o “eu” e os “outros”. Contém quatro sub-escalas: medo da própria morte, medo da morte dos outros, medo de morrer e medo que os outros morram (Lester, 1990). No estudo elaborado por este autor sobre a capacidade psicométrica da escala, obteve-se correlações de Alpha de Cronbach entre 0,72 e 0.90, o que traduzem uma boa consistência interna.

No presente estudo, e no que se refere aos valores de Alpha de Cronbach, observamos que estes variam entre 0.92 e 0.93, sugerindo uma consistência interna muito boa. As médias das respostas oscilaram entre 2.38 e 4.51, com desvios padrão a variar entre 0.87 e 1.41, permitindo-nos dizer que os itens da escala estão relacionados entre si.

## RESULTADOS

Utilizamos o teste U de Mann-Whitney entre a variável em estudo (percepção da morte) e o sexo. Assim, observamos que existe diferenças nas ordenações médias entre os dois sexos, sendo esta diferença estatisticamente altamente significativa ( $p=0,0001$ ). Deste modo, os

inquiridos do sexo feminino têm valores mais elevados do que os do sexo oposto. Assim, há influência do gênero na percepção que os indivíduos têm da morte.

No intuito de determinarmos a existência de uma relação entre a percepção que os inquiridos têm da morte e a idade efectuamos uma regressão linear simples, verificando que a correlação é positiva ( $r=0,56$ ), o que significa que a percepção que os indivíduos têm da morte é influenciada pela idade, sendo tal associação estatisticamente significativa ( $p=0,04$ ).

Em síntese, os resultados quando comparados por grupos, revelaram que os indivíduos mais velhos apresentam valores mais elevados em todas as escalas, indicador de uma maior dificuldade em lidar com a morte e o processo de morrer. Quando comparados por gênero são os indivíduos do sexo feminino que apresentam valores mais elevados.

Tais dados poderão ser explicados na medida em que os indivíduos mais velhos se aproximam mais facilmente do ciclo vital final. Os indivíduos mais jovens percebem a morte como muito distante, facilitando uma percepção mais optimista para lidar com o assunto, tal como é referido nos estudos de Tomer (2000) e de Neimeyer, Wittkowski, e Moser (2004).

No que concerne às mulheres, apesar de alguns dados serem indicadores de que estas se encontram melhor preparadas para lidar com a morte (Oliveira & Amorim, 2008), os nossos dados não confirmam essas investigações, devendo ser realizados mais estudos, que possam clarificar estas discrepâncias de resultados. Além disso, deverão ser tidas em consideração outras variáveis que não foram incluídas no estudo e que poderão ser o cerne da forma como cada um percebe e vivencia a morte, tal como a religiosidade.

No estudo psicométrico efectuado à Escala do Medo e da Morte de Collett-Lester, verificamos que esta tem uma consistência interna muito boa, com valores que vão ao encontro dos estudos de Lester (1990).

Apesar das limitações deste estudo, acreditamos que os resultados que obtivemos poderão servir para investigações futuras e mais profundas ao nível da produção de conhecimentos sobre uma área pouco explorada e que diz respeito a todos nós.

A morte, qual fim doloroso inevitável que foge ao nosso auto-controlo, deverá ser uma das prioridades da nossa educação. Nesse sentido, acreditamos que uma das estratégias mais eficazes para melhor lidar com ela será a aposta na Formação desde a infância até à velhice, englobando a temática da morte na educação para a saúde, sendo esta uma das prioridades da Psicologia da Saúde.

## REFERÊNCIAS

- Arregui, J. (1992) *El horror de morir: El valor de la muert en la vida humana*. Barcelona: Tibidabo Ediciones S.A.
- Carr, D. (2001). A “good death” for psychological distress among older widowed persons. *Journal of Heath and Social Behavior*, 1-34.
- Feifel, H. (1990). Psychology and death: Meaningful rediscovery. *American Psychologist*, 45, 537-543.
- Ferreira, C. (2007) *O comportamento humano e o processo de luto na tragédia de Entre-os-Rios*. Dissertação de Mestrado na Publicada. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Gutierrez, B., & Ciampone, M. (2007). O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs. *Revista Escola Enfermagem USP*, 41(4), 660-667.
- Kastenbaum, R. (1992). *The psychology of death* (2nd ed.). New York: Springer.
- Kovács, M.J. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468
- Lester, D. (1990). The Collett-Lester fear of death scale: The original version and a revision. *Death Studies*, 14, 451-468.
- Naderi, F., & Esmaili E. (2009). Collet-Lester fear of death scale validation and gender-based comparison of death anxiety, suicide ideation and life satisfaction in university students. *Journal Applied Sciences*, 9(18), 3308-3316.
- Neimeyer, R.A., Moser, R.P., & Wittkowski, J. (2003). Assessing attitudes toward dying and death: Psychometric considerations. *Omega*, 47, 45-76.
- Neimeyer, R.A., Wittkowski, J., & Moser, R.P. (2004). Psychological research on death attitudes: An overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309-340.
- Oliveira W., & Amorim R. (2008). A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. *Ver. Gaúcha Enferm.*, 29(2), 191-198.
- Pereira, A. (2008). *Escala do medo da morte de Collett-Lester. Versão portuguesa*. Disponível em <http://www.stresslab.pt.vu>
- Stroebe, S.M., Folkman, S., Hansson, O.R., & Schut, H. (2006). The prediction of bereavement outcome: Development of an integrative risk factor framework. *Social Science & Medicine*, 63, 2440-2451.
- Tomer, A. (Ed.). (2000). *Death attitudes and the older adult*. Philadelphia: Brunner-Routledge.
- Worden, W.J. (2002). *Grief counseling and grief therapy. A handbook for the mental health practioner*. New York: Springer Publishing Company.